

# Desaprendizagens na ressonância dos encontros

## Unlearnings in encounters' s resonance

<https://doi.org/10.34112/2317-0972a2021v39n83p121-139>

KÁTIA MARIA KASPER<sup>1</sup>

GABRIELA DE SOUSA TÓFFOLI<sup>2</sup>

THALITA ALVES SEJANES<sup>3</sup>

MAIARA PEREIRA BARROS<sup>4</sup>

**RESUMO:** Este texto cartografa encontros de um grupo de estudos e pesquisas em uma universidade pública. Leituras e abertura de mundos que geram possibilidades de-formativas entre educadoras/pesquisadoras. Cartografia (ROLNIK, 2007; DELEUZE; GUATTARI, 1995) que, variando entre imprevistos, desimportâncias e aspectos comumente desconhecidos nos processos formativos, convoca outros movimentos de atenção e presença. E, também, experimentações com a escrita, que se alinhava em multiplicidade, ativando vozes e derivações. Encontros pensados como acontecimentos que produzem efeitos e convidam a desaprender (BARTHES, 1989). Deslocamentos em direção ao desconhecido. Desaprendizagens entre anotações de cadernos, conversas de corredor, danças, telas de computador, espantos, perplexidades e vizinhanças. Vivendo a educação como criação de circunstâncias (DELIGNY, 2018). Corpo coletivo produzido na ressonância dos encontros. Ao longo do tempo, os espaços se alteram, passando pela mudança de campus da universidade e posteriores efeitos pandêmicos contagiando o tecer da narrativa.

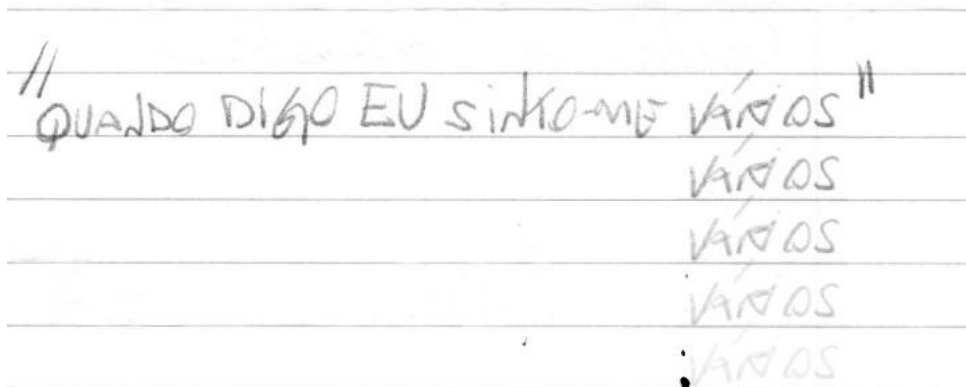
**PALAVRAS-CHAVE:** Cartografia; corpo; diferença.

1. Universidade Federal do Paraná - Curitiba, PR - Brasil
2. Universidade Federal do Paraná - Curitiba, PR - Brasil
3. Universidade Federal do Paraná - Curitiba, PR - Brasil
4. Universidade Federal do Paraná - Curitiba, PR - Brasil

**ABSTRACT:** This essay maps meetings of a study and research group at a public university. Readings and the opening of worlds, generating formative possibilities among educators/researchers. Cartography (ROLNIK, 2007; DELEUZE; GUATTARI, 1995) that, varying among the unforeseen, unimportant and commonly disregarded aspects in formative processes, calls for other movements of attention and presence. And, also, experimentations with writing, that aligned itself in multiplicity, activating voices and derivations. Encounters thought of as events that produce effects and invite unlearning (BARTHES, 1989). Displacements toward the unknown. Unlearnings among notebook writings, corridor conversations, dances, computer screens, awes, perplexities and neighborhoods. Living education as the creation of circumstances (DELIGNY, 2018). Collective body produced in the resonance of encounters. Over time, spaces change, including the change of the university campus and posterior pandemic effects that infect the weave of the narrative.

**KEYWORDS:** Cartography; body; difference.

#### QUEM CHEGA NESSA FRESTA



*Fonte: Diário de bordo do grupo*

Vêm de esquinas, corres, corridas, ateliês, jardins, salas de aulas, com os pequeninhos, com o sexto ano, com os grandões. De longe, dos cafés, de casa, de susto. Há quem traga plantas, quem traga canetinhas coloridas, quem traga um sussurro, o desejo no colo, quem traga oxum no peito, quem traga o espaço consigo...

Convergem na mesma sala. Desejo.

Há quem venha para respirar.

Há quem venha no grito, no ritmo da escadaria, no balanço do biarticulado.

Há quem venha fresco, como banho recém tomado.

Sudoreses múltiplas também cabem.

Uns cabelos que se soltam, esvoaçam, pairam sobre a mesa, as anotações: rebeldia, elegância.

Uns encaracolam e caem sedutoramente pelos ombros.

Uns ombros tensionam.

Cabelos voam.

Umhas pernas que atravessam os corredores, escadarias, elevadores, calçadas, portas, cadeiras...

Umhas pernas cruzam indecisas de um lado ao outro. Outras esticam procurando conforto por baixo da mesa. Outras chacoalham com vontade de passeio. Umhas pernas que batem por aí.

Umhas mãos com pintinhas de marcas de sol, com unhas pintadas de cores fortes e escuras, com unhas roídas, unhas marcadas de tinta guache.

Umhas mãos que balançam no ar, que seguram caneta, que se dobram para explicar uma ou outra ideia; mãos que se levantam, que tocam ombros, ajeitam cabelos.

Mãos que seguram cigarros, biscoitos, balas, doces, frutas, copos de café, água e chá,

Mãos que apoiam queixos, entrelaçam cinturas.

Uns olhos inquietos, vivos, límpidos, com lápis, com delineador, com...

Uns olhos perscrutando as conversas, as palavras, os corpos, as vozes, as entrelinhas

Uns olhos desafiadores,

uns olhos piscam,

uns olhos que se fecham demoradamente.

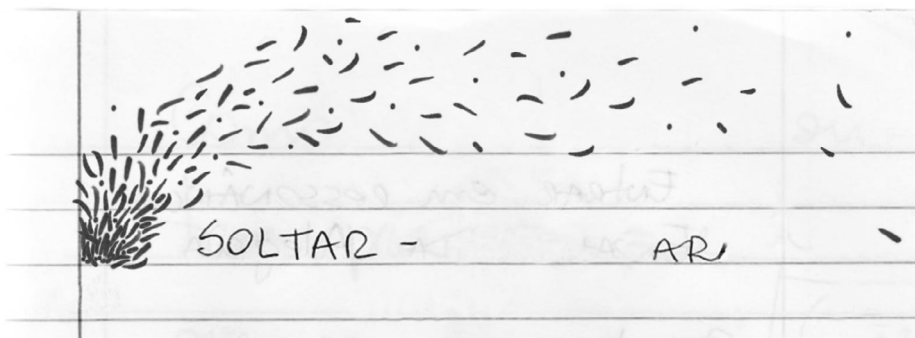
Uns olhos que chamam

uns olhos que vazam.

Uns olhos vermelhos: pouco sono?

Uns olhos que se debruçam sobre a página do livro.

Desaprender (BARTHES, 1989).



Fonte: Diário de bordo do grupo

#### ENCONTROS ENTRE CORPOS E CIDADES

Encontros de um grupo de estudos e orientação em uma universidade pública federal. Orientandas de mestrado e doutorado e orientadora em conversações a propósito das pesquisas, da vida, leituras de obras escolhidas, operando cartografias (ROLNIK, 2007; DELEUZE; GUATTARI, 1995). Este ensaio, escrito por algumas das componentes do grupo, insinua possibilidades de-formativas disparadas nas reuniões e para além delas. Busca cartografar tais possibilidades, variando entre imprevistos, desimportâncias, sonoridades, diálogos, imagens e escritas. Aberturas para aquilo que chega, com cara de susto por entre o vão da porta. Encontros de desfazer-se. Minguar as certezas como o ralo que acolhe as gotas da chuva. Que não vem. Encontros, pensados como acontecimentos que produzem efeitos. Contaminações que convidam a desaprender (BARTHES, 1989). Cartografar processos de-formativos a partir de aspectos comumente desconsiderados convoca outros movimentos de atenção e presença. E, também, experimentações com a escrita, que opera com alguma fragmentação.

Pela janela chega o som dos carros na rua, no centro da cidade. Barulho-ritmo industrial, a gente cria. Ruído de avenidas, de passos apressados. A universidade segue invadida pela rua. Um vendedor anuncia a promoção relâmpago. Um dia chove forte e cria névoa sobre o monumento católico de cinco andares, que nos espiava na lateral da janela. Já não se pode ver.

Essa gente que se junta ao redor da mesa cinza bebe para tecer-pensar-criar cartografias. Corpos que transitam pelas cidades.

E se encontram.

Demorar-se no que pede passagem, no que vaza, no que reclama palavras novas, ou velhas, mas menos viciadas, ou criar palavras. Delicado barulho que produz essa gente quando traça, quando pensa, quando ressoa, quando hesita, quando respira.

Espaço de ouvir, ouvindo-se.

Encontros.

Ouve-se um grito.

As paredes da instituição.

Os controles e os processos. Ah, eu estou na pista errada...

É preciso escapar, cavar, esgarçar.

Fuja!

Respirar com os pulmões pedindo auxílio.

Janelas abertas. Como não se contaminar?

Um homem sentado em um balanço vai para lá e para cá no vigésimo quinto andar de um edifício espelhado. Espelhos refletem a cidade desfocada. Hipnotizam.

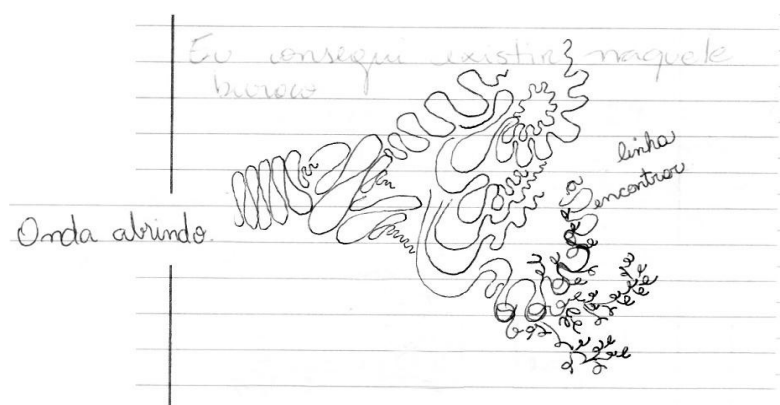
Não é preciso conduzir a lugar nenhum. Colcha de retalhos. Remendos de fios trazidos por cada uma.

Alguém sai em disparada, corre da crítica, escapa pelos corredores labirínticos do prédio que abriga o conhecimento científico. Tropeça no degrau da escada. Joelhos ralados. Descrições. Definições.

Fuja!

Perturbações no caminho.

Fuja!



Fonte: Diário de bordo do grupo

## CRIAÇÃO DE CIRCUNSTÂNCIAS

Encontro. Atenção cultivada. Estar. Corpo na rua. Janelas e portas abertas. Fora, estar entre. No condomínio não tem esquina. A praia dentro do shopping não tem oxum beira-mar e não tem onda. Você já tomou um caldo?

Deixar-se cair. Cortar sinal com as expectativas de respostas fáceis, respostas prontas. Permissão para o não saber, para sair do já sabido. Sustentar a pergunta.

Espaço-tempo de variar.

Presença.

Ler

va

ga

ro

sa

men

te

Palavras provocam, vozes dissonantes. Potência de criação. Enxergar possibilidades ali onde o hábito faz ver faltas, ausências, negação. Deslocar. Com Deligny, podemos pensar o educador como criador de circunstâncias, entender o agenciamento de um processo formativo como tal criação. Para além das inúmeras dificuldades e também com elas, agenciar encontros, desfazendo inércias. Potencializar essa criação. Como fazer? Temos ensaiado no grupo, em grupo. “Criador de circunstâncias, assim é o educador a se debater com todas as inércias” (DELIGNY, 2018, p. 216).

Soltura.

Sáimos para as ruas. Acolhemos trajetos outros. Inventamos modos de sair de si. Encontrar fissuras-criar fissuras. Fissurar. Grupo de estudos e orientação se construindo como um espaço de múltiplos deslocamentos. Desfazendo e enlaçando nós. Atentas e fortes: uma busca, uma construção, desaprendizagens. Tantas. Corpo-estado-de-alerta, transitando pelas cidades, pelas escolas, pelos encontros. Perceber. Pensar. Corpo atento, andando pelas esquinas, não se perder pelas esquinas, perder-se pelas esquinas. Corpo-correria-conectado.

Distintas forças convergem neste lugar.

– Ufa...

Sem pensar no dever-ser. Quem propõe o encontro só prepara terreno, mas ali estamos juntas. Deslocada a orientação, nos orientamos e desorientamos coletivamente. Corpo coletivo. Reconhecemos tanto de tantas, cores, braços, guelras, corpo que vibra junto, acolhe gestos, corpo que se constrói por e com intensidades. Uma vez era o cheiro, o nariz que se prolongava até bater a ponta nas janelas. Por outra, a sola de um dos pés de uma sentia o paralelepípedo da cidade se dissolver. Umas flores no centro da mesa inventavam a casa de uma vó num chá de uma tarde qualquer. Bolachas, bolachinhas, café na garrafa térmica marrom claro, balas, açúcar. O mastigar coletivo digere em tempos diferentes. Sonoridades. Croc croc dos dentes.

A recusa da supremacia do espírito sobre o corpo, por Espinosa, vem cavando outros espaços para o pensamento e o corpo. Para o autor, assim como o corpo ultrapassa o conhecimento que dele temos, o pensamento ultrapassa o conhecimento que temos dele (DELEUZE, 2002, p. 24). Em corpo-pensamento, buscamos construir presença, atenção. Corpo-potência.

Querem ver.

Abrem-se.

Em escuta.

Afetam-se.

Em uma pequena sala retangular perambulamos entre pensamentos sobre educação e afetos que pedem passagem. As paredes finas provocam um cochichar. Por tempos compartilhamos segredos. Você me escuta? Retângulo de bordas frágeis. Mudamos de campus e ocupamos novos espaços. Arquiteturas da invenção. Já não acontecia de acompanharmos o saguão da universidade ser tomado por forró. Já não acontecia de as conversas subirem de elevador e descerem pelas rampas. Já não acontecia de ocuparmos o intervalo com pães de queijo. Intervalos sem controle. Já não aconteciam narrativas nas paredes, barulhos. Sujeira. Já não acontecia de bater um vento na cara que encanava no vão do prédio. Passagens da Reitoria ao Rebouças, ainda no centro da cidade. Criar lugares-possibilidades de existir. Seguimos.

Aprendizagens e afecções. Entre cosmos. Aprendemos (desaprendemos) na ressonância dos encontros com os outros, nas composições, como efeito no nosso corpo do encontro com outro corpo. Seja ele humano ou não humano. Disponíveis às contaminações.

Nessa perspectiva, aprender depende do acaso

[...] das alianças que as circunstâncias permitem fazer, do impacto que se transmite dos sentidos ao pensamento, provocado por uma diferença sensível, que continua se diferenciando ao passar de uma faculdade a outra (da sensibilidade à memória, à imaginação, ao entendimento como faculdade produtora de conceitos) (SILVA; KASPER, 2014, p. 727)

Aprender implica o encontro intensivo com os signos, ultrapassando a ideia de tomar o outro como modelo, pois o signo “implica a heterogeneidade como relação” (SILVA; KASPER, 2014, p. 727). Assim, não se sabe de antemão como alguém vai aprender, pois o aprendizado envolve uma abertura para o inesperado, para ser afetado pelas diferenças.

“Pensar, desejar, agir são virtualidades que se atualizam em correlação com os encontros entre corpos, conforme a leitura deleuziana de Espinosa, que procura articular a possibilidade de aceder ao conhecimento, de pensar, ao encontro com os corpos” (SILVA, 2013, p. 173). Pensar se torna possível na maneira como os corpos se afetam mutuamente e tais maneiras envolvem também modos de viver, constituindo uma relação ético-política.

Com Espinosa, entendemos que um corpo se define por partículas, velocidades e lentidões e pelo seu poder de afetar e ser afetado (DELEUZE, 2002, p. 128). Ele concebe cada individualidade de vida como “uma relação complexa entre velocidades diferenciais, entre abrandamento e aceleração de partículas. Uma composição de velocidades e de lentidões num plano de imanência” (DELEUZE, 2002, p. 128). Pela velocidade e lentidão deslizamos entre as coisas, conjugamos com outra coisa. Não começamos ou recomeçamos, mas deslizamos entre, no meio (DELEUZE, 2002, p. 128).

E ninguém sabe antecipadamente de que afetos é capaz.

Nos encontros, um corpo se compõe com outro e ganha relevância a questão do que nos convém em cada composição, ou de quais composições nos convém em cada situação específica. Como agenciar bons encontros, aqueles nos quais um corpo compõe a sua relação com o nosso e sua potência aumenta a nossa? Experimentações.

Alegram-se.

Potencializam-se.

Ativam-se.

“Toda a potência é ato, ativa em ato” (DELEUZE, 2002, p. 103).





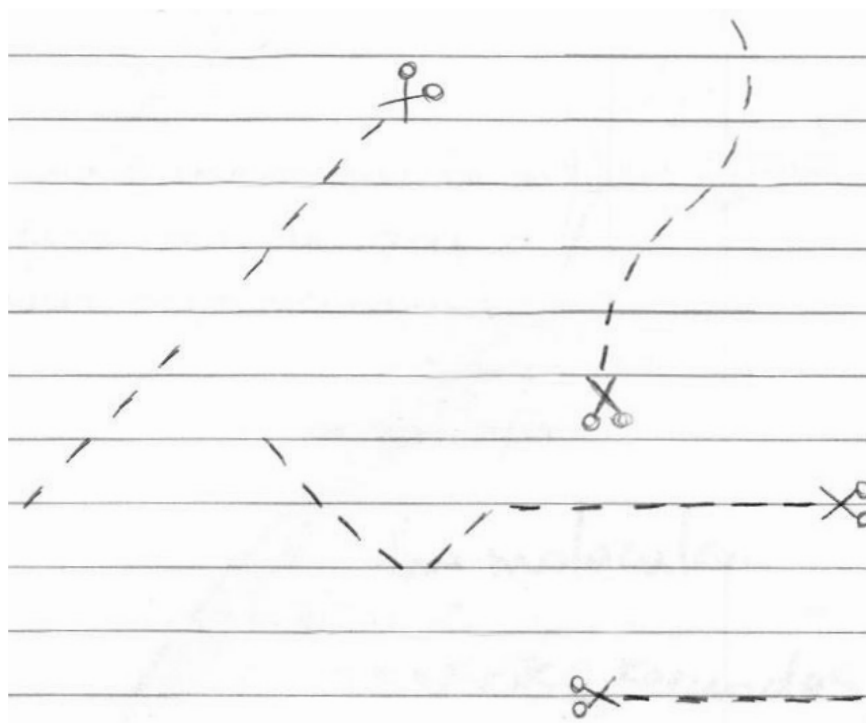
*Fonte: Diário de bordo do grupo*

A sala de aula, a cidade, a sala de reunião de orientação, o ateliê e o encontro podem ser pequenas usinas de imprevistos (DELIGNY, 2018).

Buscamos potencializar esses imprevistos, acolhê-los. Pensar o aprender, desaprendendo o previsível e abrindo espaço para o não saber. Nesses imprevistos, emergem insignificâncias, abrindo mundos outros.

Desautomatiza-se o olhar e os modos de habitar os espaços educativos. Experimenta-se uma escuta do mundo com o corpo todo (KASPER, 2009). Respira-se com, em ressonância com outros corpos, humanos e não humanos, potencializando vida. Atravessando avenida, habitando esquina, dilatando escola, desarmando as quatro paredes da sala da universidade, expandindo o que é pesquisa, respirando... Acredita-se também no que não é visível, amantes das inutilidades. Das quimeras. Das miudezas. Das potências de vida que explodem nas frestas.

O cansaço, a doença, a angústia, a ansiedade... nada foge dos encontros que criamos. Estamos em movimento. Nada é.



Fonte: Diário de bordo do grupo

Estados embrionários. Imantação dos percursos em direção às reuniões do grupo. Corpos cultivando processualmente a exposição. E nossos olhos brilham em todas as tardes nas quais nos encontramos.

– Que saudade de me sentir viva!

### CONTÁGIOS

E então as palavras parecem flutuar no espaço universidade, cada qual captura o que se faz necessário e sensível. Audível? Sonoridades co-criadas com ruídos da avenida ao lado. Biarticulados. Articulações possíveis.

Palavras que pedem outros ouvidos. Ouvidos juntos. Coletivo. Máquina. Corpo misturado. São todos os ouvidos que escutam, são tantas as composições possíveis. Cavidades timpânicas. Bigorna. Martelo. Caracol. Labirinto? Achamos graça.

Tudo parece um tanto caótico, atenções outras são necessárias para que se consiga criar uma veia para tudo o que escorre, escapa. Dúvidas e incertezas nos encontros, processos de pesquisa compartilhados, divididos, honestidade e capacidade de abertura. Nas palavras que flutuam, um chamado momentâneo. Convocamos a palavra: aprender.

Como se aprende em grupo?

Com os outros. Como?

Ouvidos, olhos, pele. Tudo pede: atenção.

Entre conversações, leituras, escritas, vivendo a formação como devir, “como abertura para novos encontros. Territórios que se desfazem enquanto novas composições se delineiam num processo sem fim de leituras e aberturas de mundos. Cartografias” (KASPER; TÓFFOLI, 2018). Nas marcas dos encontros linhas vitais e linhas de escrita são traçadas. Dar espaço aos afetos que pedem passagem (ROLNIK, 2007).

Emaranhadas. Infinitas linhas de desejo. Das mais aparentes às mínimas diferenças. Gritam. Provocam. Situam. Corpos atentos aprendem a perceber diferenças. Capacidade de perceber diferenças, assim como o sujeito articulado de Bruno Latour (2004). Aquele que aprende a ser afetado pelos outros, não apenas por si próprio.

A aprendizagem pelo corpo solicita um corpo aberto, em estado de porosidade. Corpo efeito de situações tantas, nas reuniões do grupo de estudos e orientação. Efetuado e movido por outros. Envolver-se nesta aprendizagem é uma maneira de não estar insensível, mudo, morto (LATOURE, 2004).

Mutações de sensibilidade. Estranhamentos. Ritmicidades. Encantamentos. Repetições.

Buscar escapar das duras lógicas da competitividade e produtividade tão presentes em alguns contextos acadêmicos. Deixar espaço para perceber outros sentidos, além de identificar e reconhecer, pois o mundo se torna mais vasto, conforme mais controvérsias articulamos (LATOURE, 2004).

Contaminações provocando desaprendizagens. Deslocamentos nos aprendizados, buscando escapar do já sabido, dos dogmas e clichês, para que seja possível criar e aprender. Escapar dos lugares fixos, dos territórios costumeiros, desmanchando certezas, provocando a atenção às insignificâncias e minoridades.

Uma inspiração, o “método de desprendimento” de Roland Barthes (1989, p. 19): “E eu me persuado cada vez mais, quer ao escrever, quer ao ensinar, que a operação fundamental desse método de desprendimento é, ao escrever, a fragmentação, e ao expor, a digressão ou, para dizê-lo por uma palavra preciosamente ambígua: a excursão.”

### Pensar e pesquisar e escrever

[...] gerando dados ao invés de coletá-los para pensar modos de se fazer ao invés de modos de ser feito. Forma-se na escuta do corpo, na criação de problemas e conexões, de cenas e estudos, na produção de possibilidades de vida, de percepção e de afecção diante do cotidiano de vidas que pensam a pesquisa andando por aí, querendo encontros, novas ideias (SILVA, 2020, p. 248).

Assim como encontramos na escrita solitária as multidões que nos compõem e nos solicitam, forjamos formas de estarmos juntas. Criar junto. Escrever juntas. Como escrever juntas? (LOTUS; DAKA, RITZEL, 2018).

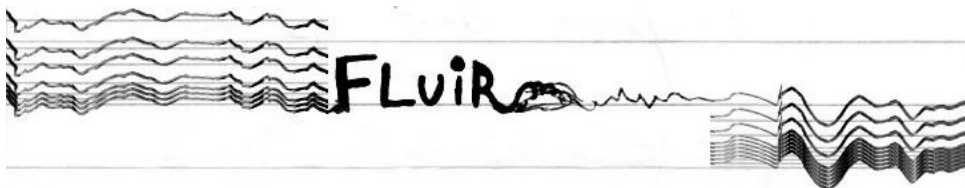
Em eco a essa pergunta, chega outra: como saber o que nos importa pesquisar e escrever? Título de um artigo de Leandro Belinaso (2019), no qual pulsam tantos mundos, essa questão nos move. No artigo, o autor nos conta de um seminário (gambiarras e asas) e tantos agenciamentos envolvendo as potências do encontro.

Chama-nos a atenção o modo de escrita e a conversação com leitoras, leitores. E um estilo que acompanha esse agenciamento e os deslocamentos produzidos. Pensando neles, evocamos Perseu, que enfrentou a Medusa “não a encarando de frente, isso o petrificaria, mas adotando uma outra lógica, outra perspectiva, talvez essa seja a arma mais poderosa, um misto de sutileza e eficiência. Ele, valendo-se de suas sandálias aladas, mira o monstro de viés, que reflete no seu escudo de bronze e se petrifica” (PRECIOSA, 2020, p. 251). Em sua obra “Seis propostas para o próximo milênio”, Italo Calvino, ao abordar a leveza,

[...] nos faz refletir sobre o protagonismo de Perseu, e fica claro que Perseu não pretendeu evadir-se da realidade, mas escapar saltando para outros lugares de pensamento e ação mais leves. Esse parece ser um procedimento interessante para se pensar: dar um golpe imaginativo que surpreenda, ativar o espaço com outras possibilidades, sobretudo liberar-se de um fardo que não tem um porquê carregar, desmontar do papel de camelo obediente. Imantar os espaços, simultaneamente subjetivo e coletivo, a cidade, por onde circulamos, um fora necessário, maquinando encontros, ampliando conexões, costurando cumplicidades, que transformem nossa casa subjetiva, nos empurram para uma beira de nós mesmos, desativando o eucêntrico costumeiro (PRECIOSA, 2020, p. 251).

Com Belinaso, atentamos também aos gestos que envolvem nossas aprendizagens. “E também recolhemos gestos e os ensaiamos em nós entre os outros gestos que já estavam em nós e nos outros” (BELINASO, 2019, p. 139). Gestos sem dono, gestos que invadem as pesquisas do grupo, encontros com a cidade, virtualidades de uma rua, ou duas, ou até um viaduto. Os vegetais que parecem fazer ninho na pesquisa de uma e que lançam devaneios nas conversas sobre o estar bem, o cuidado, os cheiros de cravo e canela e difusores que assopram alecrim, lavanda, parecem alcançar a palhaça professora de geografia. “Poderia ser lavanda, mas a depender da semana, capim limão ou eucalipto” (BELINASO, 2019, p. 140).

Fluidos escorrem pelas mãos. O rosto fica vermelho, um calor parece dominar o espaço, fumaça e fogo nos cantos. “Substâncias que já foram líquidas e verdes ou amarelas ou roxas predominam em seu corpo levemente arqueado, baixo e lento” (BELINASO, 2019, p. 141). Paredes vermelhas. Gagueira, hesitação. Um certo desconforto. Aprender envolve deslocamentos, escutas que por vezes nos abrem em feridas. Dúvidas. Perplexidades. Aprendizagens. Caminhos que já sabemos serem diversos, múltiplos. Caminhos vão se fazendo caminhando. Aprendizagem pelo corpo, pela experimentação. Estender as linhas, seguir desvios.



*Fonte: Diário de bordo do grupo*

## DESLOCAMENTOS OUTROS

Em tempos remotos, isolamentos e outras amplitudes. Tensões envolvendo uma universidade em risco de contaminação pelo conteudismo e embates em torno de modos não presenciais de educação. Reverberações no grupo.

Às vezes nosso corpo é tomado de uma fúria completa.

Às vezes uma educadora em nós tem estado muito abalada.

Inventar.

Borrifamos água, canela e cravo.

Respirar.

Uma sai para caminhar na ciclovia, busca movimento outro. Corpo que pede um passo de cada vez, respira, olha para as árvores, quase nem pensa. O vento agrada a pele. Ela quase flutua na experiência, distraída, é atropelada pela corredora que passa ofegante, bufando.

Outra perde-se do texto chamada pelo passarinho barulhento. Janela afora ele bica o vidro. Cada bicada dele é um suspiro dela. Ela, que com as pernas balançando na cadeira, busca abraçar a tudo que passa. Tomou a janela por remédio. Se prepara para localizar outras coisas que passam casa adentro, casa afora. Enquanto ela continua sentada.

É preciso virar uma chave, conjurar alguma coisa que faça acontecer.  
Como é que a gente fica sem rua? Praça Osório, Passeio Público.  
Inventar virtualidades.  
Binóculos nas janelas.  
O buraco na fechadura.

Um senhor aparece todas as manhãs na janela térrea do prédio vizinho, parece ter entre 70 e 80 anos, usa os óculos encaixados na ponta do nariz. Ele abre cuidadosamente apenas um terço dos vidros e fuma um cigarro. Pelas manhãs o cigarro vem de pijama, após o almoço é acompanhado por uma camisa bordô de botões. Ela gosta do velho. Um dia resolve cumprimentá-lo, sem sucesso.

Um homem tropeça num rato morto (CAMUS, 2019).

(Não entendia bem a língua, mas ficava de olho nos gestos. Vivia brincando de passado e presente).

Virtualmente, divididas em pequenas imagens quadradas que faziam assim uma colcha de retalhos viva. Perucas, invenções, músicas.

– O trem passou aí também?  
Trovões.



Fonte: Diário de bordo do grupo

Tempo de novos contágios.

Sim, são múltiplas contaminações em uma pandemia.

O grupo se reúne remotamente e passa a dividir sonhos. Pesadelos são narrados em mensagens remotas. “E daí?”. As conexões vão e vêm, as imagens oscilam, o som tropeça, o corpo pulsa e dói. Incertezas. O acolhimento aquece, conforta, amplia as forças.

Como vocês estão?

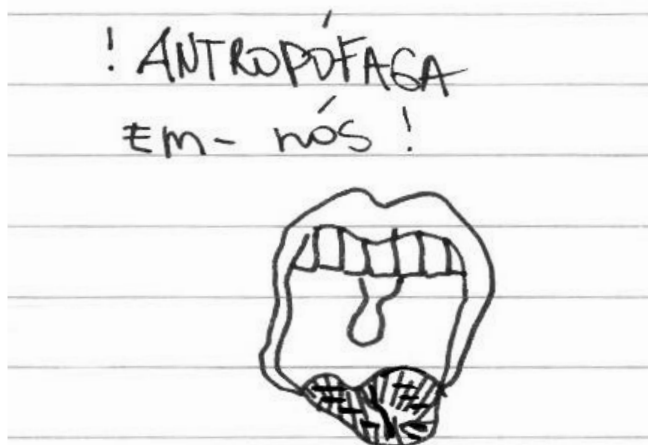
O que vocês têm lido?

Um novo espaço se abre: a casa. Possibilidade de conhecer a filha e o filho de uma de nós. Surge na tela timidamente uma menina de dez anos. E depois, seu irmão mais velho, para ajudar a mãe com o computador. Tudo parece íntimo, pela tela estamos nas casas umas das outras. Uma cor, uma planta, dizeres nas paredes, canecas de chá, café. Água. A gatinha, filhote, também atende a nosso pedido e se mostra, minúscula.

O mundo dói mais do que de costume. Não fazemos de conta que nada está acontecendo.

“Estamos em apuros, mas não vencidos” (PRECIOSA, 2020, p. 254).

Dias se passam e nos damos conta da força dessa passagem ao vermos na tela a gata com seu tamanho triplicado e a cachorra, também distante daquela tão pequena apresentada a todas nós em outro encontro virtual.



Fonte: Diário de bordo do grupo

Diversidade de autoras e autores nos acompanham nos percursos formativos. As “Ideias para adiar o fim do mundo”, de Ailton Krenak, ecoaram forte, com a pandemia que se abateu sobre nós, sobre o mundo. Ganharam urgência provocando e alargando nossos sonhos. Buscamos afirmar com ele a experiência da vida, da nossa circulação pelo mundo, como fricção, experimentando criar presenças (KRENAK, 2019). Virtualmente, adiamos o fim do mundo, deste mundo, inventando possibilidades, abrindo outros mundos, inclusive nos tempos do sonho e também nas narrativas descabidas.

Nesses tempos, nos fazemos presentes expandindo o que se chama casa, habitando os sons das janelas, odores de cravo e canela. Vamos nos tornando abrigo. Tocas que possibilitam a saída dos lugares costumeiros. Canteiros de novas ideias e práticas. Corpo coletivo, centelha que movimenta e contagia. Gestações. Germinações. Entre choros, medos, angústias, alegrias. Escritas. Leituras. Cuidados.

Com Félix Guattari, afirmamos a urgência da criação de novas práticas que ultrapassem a reiteração do universo das semióticas capitalistas. Que possam abrir



possibilidades para outras práticas sociais e políticas. Experimentar novos modos de viver, de morar, de amar, novas sensibilidades, uma nova suavidade. Outros modos de estar junto, de educar, de estudar, de pesquisar. A produção de novas práticas micropolíticas e microsociais, passa pela experimentação de novas práticas estéticas, ecológicas (GUATTARI, 1990). Novas práticas sociais e estéticas, visando a valorização da vida, uma ética da re-singularização (GUATTARI, 1992).

Juntas no calor e no frio dos acontecimentos. Estar. Permanências suaves numa incerteza de portas cerradas. Serrar as grades que parecem não ter serventia. Desolados, gatos e gatas saem para caminhadas noturnas. E nós? Trajetos de pés desajeitados, acostumados à areia e/ou à fuligem das calçadas de pedras tortas. Metros quadrados restritos sugerem trajetos outros. Desejos emaranhados em sonhos, cada dia mais intensos, suplicam outras narrativas. Juntas acolhemos os mergulhos sem mar, sem rio.

Solidariedades possíveis.

Nossos encontros parecem gerar uma força desencadeadora. Afluentes. Um desejo de proliferar alianças potencializadoras da criação, alegria espinosista. Passamos por ritmos tantos, oscilações, atmosferas. “Por fim, nos demos as mãos e assim conseguimos dormir um pouco e seguir com nossas coisas mundanas, banais e vivas” (BELINASO, 2019, p. 140). Permanecemos juntas, num exercício de escrita coletiva que passa por outonos, se assusta e silencia, mas ressurgente solicitante. Igarapés.

Um rio em variações.

## REFERÊNCIAS

- BARTHES, R. *Aula*. Tradução de Leyla Perrone-Moysés. São Paulo: Editora Cultrix, 1989.
- BELINASO, Leandro. Como saber o que importa pensar e escrever? *Revista Digital do LAV*, Santa Maria, v. 12, n. 2, p. 133 -145, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/37791>. Acesso em: 3 ago. 2020.
- CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio*. Tradução de Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CAMUS, A. *A peste*. 25. ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.
- DELEUZE, G. *Espinosa: filosofia prática*. Tradução de Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 1. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- DELIGNY, F. *Os vagabundos eficazes*. Tradução de Marlon Miguel. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- GUATTARI, F. *Caosmose: Um novo paradigma estético*. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Ed. 34, 1992.

- GUATTARI, F. *As três ecologias*. Tradução de Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papirus, 1990.
- KASPER, K. M. Experimental, devir, contagiar: o que pode um corpo? *Pro-Posições*, Campinas, SP, v. 20, n. 3, p. 199–213, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-73072009000300013>. Acesso em: 18 abr. 2021.
- KASPER, K. M.; TOFOLLI, G. S. Errâncias: cartografias em trajetos de-formativos. *Leitura: Teoria & Prática*, Campinas/SP, v. 36, n. 72, p. 85-98, 2018. Disponível em: <https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/666/444>. Acesso em: 20 mar. 2021.
- KRENAK, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das letras, 2019.
- LATOUR, B. Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência. *Body and Society*, v. 10, p. 205-229, 2004. Disponível em: <http://www.bruno-latour.fr/sites/default/files/downloads/77-BODY-NORMATIVE-POR.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2020.
- LOTUS, S.; DAKA, A.; RITZEL, E. Como escrever juntas. *Revista Alegrar*, n. 22, p. 1-5, 2018. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1fzjVmlt3d1DTTnJsFHKJHgxof7PjL1/view>. Acesso em: 21 ago. 2020.
- PRECIOSA, Rosane. Destampar a imaginação para florescer outros modos de convívio. *Revista Alegrar*, n. 25, p. 250-255, 2020. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/197rgZw--eEVe4lOzZJqfGk1NmiUT9O3m/view>. Acesso em: 2 set. 2020.
- ROLNIK, S. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina: Ed. UFRGS, 2007.
- ROLNIK, S. *A hora da micropolítica*. São Paulo: n-1 edições, 2016.
- SILVA, C. V.; KASPER, K. M. Diferença como abertura de mundos possíveis: aprendizagem e alteridade. *Revista Educação e Filosofia*, UFU, Uberlândia, v. 28, n. 56, p. 711-728, jul./dez. 2014. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/22815>. Acesso em: 17 mar. 2021.
- SILVA, C. V. *Corpo e pensamento: Alianças conceituais entre Deleuze e Espinosa*. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.
- SILVA, R. F. Os dramas da pesquisa ou sobre escrita acadêmica e vida. *Revista Alegrar*, n. 25, p. 238-249, 2020. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1C6I5Hs6crWe4rUzgcPZTBHEQCC9XfiOs/view>. Acesso em: 17 mar. 2021.

#### SOBRE AS AUTORAS

**Kátia Maria Kasper** é graduada em Pedagogia (Universidade Estadual de Campinas), tem Mestrado em Educação e doutorado em Educação (Universidade Estadual de Campinas). É professora do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná.

*E-mail:* [katiakasper@uol.com.br](mailto:katiakasper@uol.com.br).

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-3546-262X>.

**Gabriela de Sousa Tóffoli** é graduada em Pedagogia (Universidade Federal do Paraná), tem Mestrado em Educação em Ciências e em Matemática (Universidade Federal do Paraná). É doutoranda em Educação em Ciências e em Matemática (Universidade Federal do Paraná). Atua como professora na rede municipal de ensino de Araucária – PR.

*E-mail:* gabrielatoffoli@gmail.com.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0243-2005>.

**Thalita Alves Sejanés** é graduada em Licenciatura em Artes Visuais (Faculdade de Artes do Paraná), tem mestrado em Educação em Ciências e em Matemática (Universidade Federal do Paraná). É Doutoranda em Educação em Ciências e em Matemática (Universidade Federal do Paraná). É professora do ensino básico e artista visual.

*E-mail:* thalitasejanés@gmail.com.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1023-1377>.

**Maiara Pereira Barros** é graduada em Licenciatura em Ciências Sociais (Universidade Estadual do Oeste do Paraná). É mestra em Educação (Universidade Federal do Paraná). Atua como professora de Sociologia da rede estadual do Paraná na cidade de Curitiba.

*E-mail:* maiarabarros.cs@gmail.com.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8338-7401>.

*Texto aprovado em 18/11/2021.*